

## OS BRASILEIROS EM PERI E MACUNAÍMA: UMA REFLEXÃO SOBRE IMAGENS DA NAÇÃO

Ricardo Lopes Dias<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em momentos distintos e distantes entre si, dois conhecidos escritores pensaram acerca da imagem da nação brasileira a partir da figura do índio: Jose de Alencar e Mário de Andrade. Os personagens destas obras, Peri e Macunaíma, respectivamente, operam em mundos tão radicalmente opostos quanto o tempo e o estilo em que cada um foi escrito. No entanto, mais do que personagens, o que se propunha era a construção de uma imagem do brasileiro, ora buscando no passado alguma alma originária e algum tipo de purismo racial, ora aceitando-se tal como se é na realidade a despeito das convenções externas. A brasilidade surge como a síntese do indivíduo brasileiro, e para descrevê-la, tanto na busca romântica de Alencar referenciado no passado mitológico indígena para construir a imagem da nação e sua independência cultural, quanto no modernismo irreverente de Mário de Andrade, que sugere que realmente somos o que somos, “sem caráter”, sem máscaras heroicas, foi a figura indígena a imagem preferida para pensar o brasileiro. A partir das leituras de Oswald de Andrade, Viveiros de Castro e Ricupero, dentre outros autores, discute-se se a imagem da nação continua tendo sua inspiração no índio, agora no “índio hiper-real”, de Ramos, ou no índio ecológico da mídia ambientalista. No entanto, questiona-se se realmente haveria uma imagem única capaz de retratar um país e um povo tão grande e diverso como o Brasil atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasileiro; Identidade Nacional; Imagem da Nação; Índio.

### BRAZILIANS IN PERI AND MACUNAÍMA: A REFLECTION ON IMAGES OF THE NATION

**ABSTRACT:** In distinct and far between moments, two well-known writers thought about the image of the Brazilian nation based on the figure of the Indian: Jose de Alencar and Mário de Andrade. The characters of these works, Peri and Macunaíma, respectively, operate in worlds so radically different as the time and the style in which each was written. However, more than characters, what was being proposed was the construction an image of the Brazilian, at times seeking in the past some original soul and some kind of racial purism, while at other times accepting oneself as he really is in spite of the external conventions. Brazilianness emerges as the synthesis of the Brazilian individual, and to describe it, whether by Alencar's romantic search, which had as its reference the indigenous mythological past in order to construct the nation image and its cultural independence, or in Mário de Andrade's irreverent modernism that suggests that we really are what we are, “without character”, without heroic masks, the indigenous figure was the preferred image to explain the Brazilian. Based on the reading of Oswald de Andrade, Viveiros de Castro and Ricupero, among other authors, it is discussed whether the image of the nation continues to have its inspiration in the Indian, now in the “hyper-real Indian” of Ramos, or in the ecological Indian of the environmentalist media. However, the question arises whether there would really be a single image capable of portraying a country and people as large and diverse as Brazil today.

**KEYWORDS:** Brazilian; Image of the Nation; Indian; National Identity.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Humanas e Sociais. E-mail: [ricardoearte@hotmail.com](mailto:ricardoearte@hotmail.com).



## INTRODUÇÃO

Pensar o Brasil nunca foi nem será tarefa fácil para ninguém. Somos um país novo, país de “mestiços”, que nos ditos de Romero e Darcy Ribeiro, respectivamente, assim o somos “se não de sangue, pelo menos nas idéas” [sic] (RODRIGUES, s/d, p. 89) “um povo mestiço na carne e no espírito” (RIBEIRO, 1995, p. 453). Aliás, para este último, como já é bem difundido, o Brasil seria um composto de três matrizes básicas, tendo nessa “fusão de matrizes” nos tornado “um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente” do mundo (RIBEIRO, 1995, p. 454). Seríamos, então, uma nação de vários povos fundidos, amalgamados que resultaria em algo homogêneo, de uma só língua, como sugere Darcy Ribeiro ou devemos nos ver como um grande mosaico de povos no qual Gilberto Freyre (FREYRE, 2006, p.367) distingue “a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro”?

Como podemos ter 43,1% da população brasileira se declarando Preta ou Parda (IBGE, 2013) em um mesmo país onde Eduardo Viveiros de Castro vê que “...todo mundo é índio, exceto quem não é”? Apontando “coisa de 33%” de aporte genético indígena na população brasileira - embora não se fie nesta perspectiva genética realizada por pesquisadores da UFMG -, o autor não se ilude com a ideia de fracionamento da indianidade no brasileiro (não de pode dizer: eu sou apenas 33% índio!). Neste sentido, poder-se-ia dizer que a população indígena seria soberbamente superior aos 896.000 indígenas do Censo IBGE (2010) que conta apenas os autodesignados índios de 305 etnias. Daí, Viveiros de Castro (2006, p. 7) no seu “exagero heurístico”, remodela a pergunta de “quem é índio no Brasil?” para “Quem NÃO é índio no Brasil?”, incluindo o nordestino, o caicara, o caboclo (a lista prossegue) não como apenas parcialmente índios, como no mosaico tricolor, nem mesmo uma fusão homogênea, mas potencialmente índios inteiros. O Brasil não seria um mosaico de povos, nem a fusão deles, mas um país multietnicamente distinto e, se assim pretendesse, majoritariamente autodesignado como indígena.

Voltando à mistura, miscigenação, que poderia explicar esse Brasil, o site americano U. CITY GUIDES (2014) registrou numa de suas listas de “as dez mais”, intitulada Countries with the most beautiful women in the world (Os países com as mais belas mulheres do mundo), que o Brasil está, nesse ranking, em primeiríssimo lugar, sendo o argumento do site que isso se deve exatamente ao fato da mistura de povos (genes) no



Brasil: “Porque eles têm os genes para isso. Os brasileiros são provavelmente as pessoas mais etnicamente misturadas no mundo, então combinar diferentes tons e formas cria o mais perfeito dos corpos” , opina o site.

Sabe-se, porém, que essa mistura e o seu produto, longe desta visão recente, já foram vistos como uma degeneração em pensadores como Arthur de Gobineau, Silvio Romero e Nina Rodrigues, dentre outros, e que agora, na contramão daquele discurso, nos levam novamente às diferenças, porém agora, positivadas, ao menos no que concerne a beleza corporal das mulheres brasileiras.

E assim, sendo a soma de tudo isso e ao mesmo tempo nada, muitos e ao mesmo tempo nenhum (ou “ninguém”, lembrando Darcy Ribeiro) em termos de definição nacional, buscou-se no passado - e ainda continua a se buscar, como se fosse possível - uma ideia expressiva disso que chamamos “brasilidade”, um tipo ideal weberiano que pudesse abranger e representar em si e por si todos os atuais mais de 200.000.000 de pessoas (IBGE, 2014) neste país de proporções continentais, com sua diversidade climática - desde equatorial, semiárida, temperada e tropical, que acrescento aqui não mais considerando a relevância desse fator como o fez Euclides da Cunha numa abordagem mesológica/geograficamente determinista ao falar dos sertões (CUNHA, 1901), mas para reforçar o quão difícil é, como foi dito, pensar uma única imagem para toda esta imensa e diversificada nação brasileira.

Este trabalho é, portanto, um exercício de revisão das leituras e dos estudos em sala de aula - ou mais precisamente da minha particular compreensão delas - das construções históricas acerca das imagens da nação e do brasileiro típico, estereotipado, na disciplina Raça, identidade e imagens da nação, ministrada no Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no período 2013-2. E para isso, mais especificamente, abordo as semelhanças/ diferenças de dois personagens indígenas idealizados: Peri, de José de Alencar, no romantismo do Século XIX até a primeira parte do Século XX, e Macunaíma, de Mário de Andrade, no modernismo da década de 1920.

Ambos os personagens foram imaginados para pensar o brasileiro mestiço. Índios, mas “alterados” pelo contato com brancos (e negros, no caso do Macunaíma). Peri se cristianiza para cuidar de sua venerada Ceci; Macunaíma se torna branco ao banhar-se nas águas da pegada de Sumé, o mitológico ser associado ao apóstolo Tomé, o que penso ser uma sutil alusão da cor no processo da cristianização - como o “tornar-se branco” dos



discursos indigenistas atuais-, muito embora Macunaíma mantenha-se absolutamente sincrético, transitando entre as mitologias indígena, negra e cristã.

Assim, o texto inicia-se com uma discussão sobre a escolha do índio como imagem de partida e segue com apontamentos sobre os personagens e os estilos literários correspondentes. Por fim, questiona-se se pensar o brasileiro a partir do índio em contato interétnico e intercultural, por profícuo que seja, ainda contemplaria a brasilidade atual.

## POR QUE O ÍNDIO?

Quando Lévi-Strauss escreveu *Tristes trópicos* em 1955, ele falou de um momento anterior, um retorno do Brasil à França (1939?), lembrando um episódio em que enquanto fotografava igrejas na Bahia, “um bando de negrinhos seminus” pediu a ele que lhe fotografasse também, mas logo após atender ao pedido – não havia andado sequer cem metros –, dois agentes da polícia civil o detiveram alegando que ele teria acabado de “cometer um ato de hostilidade para com o Brasil”, pois “essa fotografia, utilizada na Europa, poderia acreditar a lenda de que existem brasileiros de pele preta e que os garotos da Bahia andam descalços” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 24), o que, inclusive, o levou a ser detido ainda que por pouco tempo.

Evidentemente, a “matriz negra” de que fala Ribeiro (1995), enquanto constituinte do povo brasileiro, não representava a brasilidade para tais brasileiros. Ora, com os negros fora, inclusive por sua falta de originalidade nesse solo americano, a exemplo dos brancos invasores dele, restaria ao índio a suposta imagem da mais remota pureza ancestral.

Apesar de toda diferença entre os momentos históricos dos dois autores desta abordagem – José Alencar (1829-1877) e Mário de Andrade (1893-1945) – ambos concordaram ao menos numa coisa: o emprego do índio como imagem da nação brasileira. No caso de Alencar, Peri é a pureza, a ancestralidade nobre da alma brasileira, frequentemente comparado em análises de sua obra ao passado europeu do nobre cavaleiro em sua bravura, salvando damas, com códigos de honra inegociáveis a despeito da situação em que se encontrasse. Já Macunaíma é um índio que curiosamente nasce negro e finda branco (Se bem que não morreu, tornando-se a Ursa Maior ao ir ao céu;



apesar de tudo o que viveu nas viagens na terra, ainda retorna à sua indianidade e ao local do nascimento) – alusão às três matrizes raciais associadas ao brasileiro.

Foi Alcida Rita Ramos quem, a meu ver, identificou as construções imagéticas do índio ontem e hoje, como na verdade “fantasias de branco” (RAMOS, 1988, p. 6) e para seus fins, ainda que não se dissesse isso abertamente. Em seu texto, ela evidencia a construção do contemporâneo “índio hiper-real”, que, paralelo à noção de simulacro de Baudrillard (1981, 1990), pretende retratar o índio de carne e osso, mas sendo, na verdade, nada mais que um modelo dele, o “índio-modelo” e “índio burocratizado” (este com base em Weber [1978, p. 957-959] no que toca à profissionalização da atividade indigenista), retratado pelas instituições de “apoio” à causa indígena. Deste modo, Ramos (1988) associa essa construção contemporânea e mercadológica do índio às imagens literárias exploradas no passado:

No passado, as figuras indianistas de José de Alencar e Gonçalves Dias alicerçaram muitos dos sonhos nacionalistas brasileiros e depois se prestaram à verve sardônica dos modernistas dos anos 20; e na versão pós-moderna dos "amigos dos índios" também não falta uma boa dose de romantismo, quando se demanda dos índios, se não um exotismo redentor, no mínimo uma inquebrantável integridade de princípios: morrer, se preciso for, mas defendendo suas terras, resistindo ao assédio dos poderosos, repelindo a corrupção, denunciando os descabros. Quanto mais estóico e resistente a tentações for o índio, mais merecedor ele será da solidariedade dos brancos. Cooptação, assim como poder, não é programa de índio (RAMOS, 1988, p.6).

Assim, em nossos dias a figura exótica do índio ainda representa um purismo. O discurso agora é o ambiental, ecológico, tendo o índio como o ser ecológico por natureza, merecedor de terra não apenas por seu passado nela, mas também por ser o melhor humano a habitá-la, conservando-a, interagindo com ela numa harmonia mítica e mística. É a Tainá (2000) das telas para inspiração das crianças brasileiras, a guardiã de filhotes ameaçados que se comunica com animais ferozes como a onça; uma protetora das árvores e da cultura ancestral.

E há o índio de “alma inconstante” de Viveiros de Castro (2002), tal qual a murta do sermão do Espírito Santo (1657) do Pe. Antonio Vieira (1608-1697), que não é na verdade apenas uma incapacidade de se solidificar/ cristalizar como o mármore (o europeu), conservando-se durante tempos, mas um consciente negar-se a isso. E é também



um ser que surge de um passado negado pelos conquistadores, “sem Fé”, “sem Lei” e “sem Rei” (SOUSA, 1587), sem história, inclusive, e retorna a uma historicidade pré-cabralina, sendo que, no tocante ao discurso religioso, antes visto como vítima sem defesa de uma catequese imperialista, passa a ser senhor de suas escolhas, permitindo-se mudar ao que convém, mas nunca como dominado, e sim como co-autor da sua religiosidade, inclusive em “traduções” de visões de mundo com os caraíbas jesuítas – segundo Pompa (2003) e Montero (2006).

Portanto, o índio continua sendo esse misterioso brasileiro mais brasileiro. Livre, anárquico, indomável, não conquistado, que de inimigo agora é conservado pelo Estado - e aqui especialmente lhe é dada atenção para que se conserve como tal. De todos os brasileiros, são tão “puros” que precisam de proteção especial (BRASIL, 1988), guardiões para que continuem sendo índios, sem mistura, sem perdas, sem mudanças... o Brasil ainda busca neles essa imagem!

## OS PERSONAGENS, SEUS AUTORES E TEMPOS

### **PERI: O selvagem cavalheiro cristão**

“Peri!” Suspira a jovem Cecília deitada numa rede de palha armada numa acácia silvestre no jardim da casa (que bem parecia ser um castelo medieval) do Paquequer (ALENCAR, 1998, p.42 e 46), e como ela também suspira a alma do romantismo, afinal Peri, “filho de Ararê, primeiro de sua tribo” (ALENCAR, 1998, p. 142) era nobre, se não na aparência por ser um “bugre” (assim chamado oito vezes por D. Lauriana e por Aires Gomes) o era na alma que carregava. “...Um cavalheiro português no corpo de um selvagem” (ALENCAR, 1998, p. 63), dizia D. Antonio de Mariz.

O livro de José de Alencar (1829-1877), *O guarani*, foi publicado em 1857, retratando a vida de uma família portuguesa do século XVI na região do rio Paquequer, Rio de Janeiro. No romance indigenista Alencar apresenta o índio Peri, filho de Ararê, um Goitacá. O personagem é dotado de atributos como coragem, integridade, virtude, heroísmo, conhecimento de plantas (tanto o veneno quanto o seu antídoto) e técnicas incríveis como a da captura de onça viva. Seu único “defeito” seria o fato de ser “bugre”,



como o xinga a fidalga Sra. Lauriana, esposa de D. Antonio de Mariz, e por este, também chamado de “selvagem”, um não-cristão. Aliás, é somente sob condição de se tornar cristão que D. Antonio lhe confia a sobrevivência de sua filha, Cecília.

Por Cecília, Peri é capaz de tudo: Capturar uma onça e trazê-la viva para ser vista por ela após seu ingênuo comentário de curiosidade acerca do animal; espreitar os aventureiros que planejam um assalto à casa de D. Antonio, sendo do interesse de Loredano possuir Cecília como mulher; Chama-a de “senhora”, embora Cecília diga-lhe que não é um escravo (ALENCAR, 1998, p. 258) - é que pelo seu amor se submete incondicional e devotamente a ela como em “um culto, espécie de idolatria fanática” (ALENCAR, 1998, p. 73).

Por ela, Peri dispõe-se a se tornar cristão (ALENCAR, 1998, p. 419) - um sacrifício íntimo já que Peri entendia ser contrário à sua natureza selvagem, implicando na perda da sua liberdade de que faz analogia a um pássaro com asa quebrada e a um peixe em terra seca (ALENCAR, 1998, p. 245); e chega até ao sacrifício de morrer, oferecendo-se como banquete aos inimigos num plano mirabolante que incluía ser capturado como guerreiro valente para ser morto e comido, tendo antes envenenado sua carne para assim envenenar também seus devoradores que, aliás, não são seus inimigos, mas inimigos de D. Antonio: os ditos “vingativos” Aymoré.

Peri é mesmo um herói. Um nativo nobre, forte, confiável. Agora feito cristão, não era em nada mais inferior ao português, e por isso digno de, com Cecília, portuguesa, compor a nação brasileira.

### **MACUNAÍMA: o herói sem nenhum caráter**

Macunaíma é o inverso de Peri. É de pronto denominado como o “herói sem nenhum caráter” pelo próprio autor: Nasce às margens do Rio Uraricoera, Estado de Roraima, de forma excepcional: como índio nasce negro; é da etnia Tapanhuma, que significa “gente preta”; é descrito como feio, preguiçoso até para falar - o que só fez depois de seis anos de idade - (ANDRADE, 1979); de uma perversidade tal que divertia-se



arrancando cabeça de Saúvas – que, aliás, via como o mal do Brasil no famoso bordão falado seis vezes na obra: pouca saúde e muita Saúva os males do Brasil são!

Ele é folgado ao “mijar” todas as noites na rede sobre sua mãe (ANDRADE, 1979, p. 9) – de quem acaba noutra tempo sendo o causador da morte –; e quando ia banhar-se com a família ficava mergulhando para mexer com as meninas; Esperto mesmo só quando via dinheiro!

Não há necessidade de descrever todas as “qualidades” de Macunaíma, até para não cair em juízo de valor, afinal esse Macunaíma era um Peri às avessas, e coitado do fidalgo D. Antonio de Mariz se, na ausência de um Peri, dependesse de um Macunaíma para cuidar da jovem Cecília!

Macunaíma estava alheio à fidelidade, “brincando” com as cunhãs, inclusive as cunhadas (as esposas sucessivas de Jigüé: Sofará, Iriqui, Suzi) e as Mani - filhas branquinhas da mandioca (as mulheres paulistanas). A própria mulher mais amada dele – Ci - teria sido domada a partir de um estupro que faz ao se aproveitar da inconsciência dela (ANDRADE, 1979, p. 28).

Mas Macunaíma não é também só “males”: Discursa em praça, contando lendas; é decidido a resgatar a pedra Muiraquitã dada de presente por sua amada antes de ir ao céu virar estrela; elimina o malvado peruano Venceslau Pietro Pietra - gigante Piaimã - devorador de gente; é o criador do futebol (ANDRADE, 1979, p. 62) que Mário de Andrade relaciona como uma das três “pragas” do trio de irmãos - Aliás, ele teria mesmo motivo para ver o futebol como “peste” e “praga”, pois sofreu uma forte crise emocional por conta da morte de seu irmão, Renato, em 1913, por complicações após uma cabeçada num jogo de futebol (NOGUEIRA JR, 2014).

Contudo, é no futebol que Wisnik (2008) vê como um “outro” de Macunaíma - o nosso criador do futebol que miticamente legitimaria o futebol como coisa de brasileiro - a pessoa de Garrincha (Manuel Francisco dos Santos), jogador que a ele se assemelharia por ter demorado a falar, ter pernas arqueadas para o mesmo lado, esperteza na infância, além dos casos de malandragem e sucessos com mulheres. Ora, como um mito indígena do Brasil, Macunaíma teria ressaltado então a malandragem, o tesão, o jeito de vida reprovado pelos padrões morais estrangeiros - mas e daí? Macunaíma era ele mesmo, a despeito de tudo e de todos ao seu redor. É livre para errar, sem culpas, sem remorsos, sem perdões.





Macunaima não é herói sem dores, pois como os brasileiros, adoeceu de escarlatina (ANDRADE, 1979, p.57), sarampo (Idem, p.141), erisipela (Idem, p.153), malária [impaludismo] (Idem, p.191) e lepra (Idem, p.197,198); foi morto (embora tenha sido depois ressuscitado pelo irmão); teve o corpo cortado na luta contra a Uiara, ficando sem uma perna; Era fedido, tinha que espantar moscas de sobre si, pegava carrapato, mucuins, piolho... Enfim, apesar de mítico, ele era também susceptível aos males naturais dos pobres humanos brasileiros.

Foi índio, negro e branco; do sertão e da cidade; estava sempre em fuga num universo de contrários, fosse do Curupira, do monstro Capei, do gigante peruano Piamã e sua esposa - a Caapora -, e de Mappinguari, até finalmente sucumbir à traiçoeira sedução da Uiara para felicidade da vingativa Vei - a Sol -, que lhe queria o mal por não ter se casado com uma de suas filhas.

De seu filho morto brotou o Guaraná (ANDRADE, 1979, p. 32); A lua foi resultado de uma vitória sua ao decapitar o monstro Capei (Idem, p. 41); dele veio a cor amarela do Sol por ter jogado um ovo de galinha na face de Vei - a Sol (Idem, p. 213) -, e as manchas escuras da lua são de bofetadas que deu em Capei, a lua; Por fim, ele foi transformado na constelação Ursa Maior (ele e o que tinha levado consigo ao céu: seu galo, galinha, gaiola, revólver e relógio), após subir ao céu num cipó de Matamatá (Idem, p. 215, 217).

Macunaíma pretende ser, de certa forma, um mito de origem do universo brasileiro. Uma explicação de nossas origens e dramas.

### **O romantismo de Alencar e o modernismo de Mário de Andrade**

Ricupero (2004) aborda o período do romantismo entre as décadas de 1830 a 1870. É neste período que surge - em 1845 - o primeiro projeto a nível nacional, brasileiro, pós-independência, de legislar a questão indígena ainda que sob a perspectiva assimilacionista: o REGULAMENTO ACERCA DAS MISSÕES DE CATEQUESE E CIVILIZAÇÃO DOS ÍNDIOS (Considerando que havia antes disso o Diretório Pombalino de 1755, mas ainda da corte portuguesa e para a província do Grão-Pará e Maranhão, e que foi extinto por D. Maria I, a Louca, em 1798).



Não ignorando os prejuízos históricos desta política imperialista para com as populações indígenas, mas apenas para ressaltar uma nota, acrescento aqui que o índio, nesse contexto, ainda que fosse “assimilado” pelo processo de construção da nação – inclusive com incentivo a casamentos de brancos com índios –, ainda possuía uma condição ligeiramente diferente da dos negros no Brasil, pois não se pensava assimilar os negros. Além disso, o próprio Marquês de Pombal (Sebastião Joseph de Carvalho Mello) havia se empenhado em coibir o costume, por exemplo, de se referir aos índios como “negros da terra”, pois os índios, assim diferenciados como vassalos do imperador, eram livres, e não escravos como os negros (DIRETÓRIO, 1755).

Assim, Bernardo Ricupero define o romantismo com um movimento “político e cultural” (RICUPERO, 2004, p.20), até mesmo por ter seus representantes atuando simultaneamente na política de sua época. Ele também o associa (o Romantismo) à independência do Brasil, ou seja, a constituição do Brasil como povo livre politicamente, mas também na busca de construir-se como povo culturalmente independente, auto-reconhecido (Se bem que sua pesquisa questionava a intencionalidade de se homogeneizar [Idem, p.23] o povo [ou melhor: os povos] nesse projeto nacional no período de 1830 a 1870, período subsequente à independência do Brasil [1822]). Naquele contexto, o “Estado” brasileiro já era politicamente independente, mas ainda vivia da cultura estrangeira. Faltava uma “nação” brasileira também. Neste sentido, vale lembrar aqui algumas das epígrafes de Ricupero como breve roteiro do tema:

“Fizemos a Itália, resta fazer os italianos” (Massimo D’Azeglio).

Assim aborda o conceito de nação a partir de vários autores, especialmente Benedict Anderson (“nação como uma unidade política imaginada”, [RICUPERO, 2004, p. 6]) e autores marxistas. Todavia, é citando as realidades de Brasil e Argentina que deixa evidente que a nação não surge com a independência política, nem é naturalmente dada, mas deve ser “construída” com símbolos que incluem e excluem, e uma tradição estabelecida. Segundo o autor, esse processo é feito por certos homens: os românticos (RICUPERO, 2004, p.37).

“Nós tivemos no Brasil um movimento espiritual (não falo apenas de arte) que foi absolutamente ‘necessário’, o Romantismo” (Mário de Andrade).

Aqui destaca a necessidade de uma emancipação literária e mental do Brasil quanto à Europa. Isso se dá tanto pela valorização da literatura brasileira surgida em revistas



(Niterói, Popular, Guanabara), quanto em antologias, tendo Alencar, inclusive, se esforçado em mostrar a diferença entre o português brasileiro e o de Portugal. Estavam os românticos unidos (Magalhães, Nunes Ribeiro, Varnhagen, Alencar e os demais) “no projeto de que o Brasil tenha uma literatura própria, que exista como nação independente” (RICUPERO, 2004, p.111).

“Tupi or not tupi, that is the question” (Oswald de Andrade).

Oswald de Andrade em seu “manifesto antropófago” (ANDRADE, 1928), agora já no modernismo busca também no índio a figura do Brasil - embora de forma diferente do índio do Romantismo que, aliás, diz ser “cheio de bons sentimentos portugueses” (Idem, p. 4), chamando-o de “filho de Maria” e “genro de D. Antonio de Mariz” (Idem, p.5). O índio de Oswald de Andrade (e o brasileiro) é antropófago, nunca catequizado, inventor do carnaval, comunista e surrealista anteriormente à Europa. É o Brasil que luta “contra todos os importadores de consciência enlatada” (ANDRADE, 1928, p.3).

Mesmo assim, citando-o, Ricupero aborda a questão da anterioridade do índio na “América” como argumento de que estes seriam, então, os “primeiros brasileiros”. É a partir desse pressuposto que, retornando ao Romantismo, vê o mesmo eleger o índio como símbolo nacional, um “mito de fundação nacional” (RICUPERO, 2004, p. 154). Esse índio do Romantismo - como Peri, Iracema, I-Juca-Pirama -, é herói, nobre, virtuoso, bravo de alma.

Quanto a Cândido (2004), cito sua contribuição como uma crítica a esse modelo de índio de alma portuguesa de que Peri pode ser modelo:

Nisto e por tudo isto, as Memórias de um sargento de milícias contrastam com a ficção brasileira do tempo. Uma sociedade jovem, que procura disciplinar a irregularidade da sua seiva para se equiparar às velhas sociedades que lhes servem de modelo, desenvolve normalmente certos mecanismos ideais de contensão, que aparecem em todos os setores. No campo jurídico, normas rígidas e impecavelmente formuladas, criando a aparência e a ilusão de uma ordem regular que não existe e que por isso mesmo constitui o alvo ideal. Em literatura, gosto acentuado pelos símbolos repressivos, que parecem domar a eclosão dos impulsos. É o que vemos, por exemplo, no sentimento de conspurcação do amor, tão frequente nos ultra-românticos. É o que vemos em Peri, que se coíbe até negar as aspirações que poderiam realizá-lo com ser autônomo, numa renúncia que lhe permite construir em compensação um ser alienado, automático, identificado aos padrões ideais da colonização. N’O guarani, a força do impulso vital, a naturalidade dos sentimentos, só ocorre como característica dos vilões ou, sublimados, no quadro exuberante da natureza, isto é, as forças que devem ser dobradas pela civilização e a moral do conquistador, das quais d. Antonio de Mariz é um paradigma e o índio romântico um homólogo ou um aliado (lembramos o “índio tocheiro. O índio



filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de d. Antonio de Mariz”, do Manifesto antropófago, de Oswald de Andrade) (CANDIDO, 2004, p. 42).

O texto *Macunaíma* de Mário de Andrade, que segundo ele próprio inserindo-se na sua obra, teria ouvido acerca do herói pelo próprio papagaio de *Macunaíma* (ANDRADE, 1979, p. 221, 222), foi na realidade escrito em apenas “seis dias” (SOUZA, 2003) de um período de férias de fim de ano (em Dezembro de 1926) no sítio da família, em Araraquara-SP, e publicado em 1928 inicialmente com apenas 800 exemplares por não prever o autor o sucesso que sua obra teria.

Apesar de não conter uma relação das referências bibliográficas ao final, não é por isso uma “invenção” do autor, pois como ele mesmo declara: “Gastei muito pouca invenção neste poema fácil de escrever” (ANDRADE, 1928) e, no entanto, como defende sua sobrinha, Gilda de Mello e Souza (SOUZA, 2003, p.10) *Macunaíma* - o livro - não é uma mera “composição em mosaico” de que teria falado Florestan Fernandes e Haroldo Campos. Ora, sabe-se que o autor valeu-se de contos indígenas de Koch-Grünberg, de quem vê o herói já como sem caráter, fluído de contos onde a sexualidade faz parte naturalmente do contexto sociocultural indígena, e daí também cita de Paulo Padro (1869-1943) - A quem dedica o livro - pela abordagem de uma leitura da história do Brasil a partir da sexualidade (luxúria), na obra *Retrato do Brasil* publicado no mesmo ano de 1928.

É no primeiro prefácio que escreve em 1926 que Mário de Andrade fala da sexualidade do herói que, se tomada por pornografia (ainda assim seria naturalmente encontrada em contos indígenas e religiosos nacionais) ou não (ironizando que a pornografia dos outros é aceita, mas a brasileira é logo censurada de “porcaria”), tal qual o herói, “o brasileiro não tem caráter”. Explicando a afirmação, fala de não termos caráter por não termos “civilização própria nem consciência tradicional” como os demais povos, e que esse caráter seria a “entidade psíquica permanente” que se reflete no comportamento, fala e andar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é o Brasil? O que, quem e como é o brasileiro? O romantismo, enquanto movimento político e cultural para a construção de uma imagem independente da nação,



deixou sua contribuição, uma resposta a estas perguntas. O modernismo também o fez. Ambos foram momentos de construção e de desconstrução, proposições para a questão que ainda hoje nos incomoda: o que nós somos enquanto brasileiros?

Ora, se somos representados pela figura de um índio impoluto, de alma nobre portuguesa, ou por outro índio especialmente caracterizado por ser um “sem caráter algum”, ou ainda por um índio hiper-real - um simulacro, produto de exportação ambiental-indigenista contemporânea; Ou se somos representados pelo negro, com sua ginga, samba no pé, de capoeira e candomblé, sobrevivente de toda dor da escravidão de mais de três séculos; ou ainda se somos como um grande mosaico étnico; ou mesmo o produto de três matrizes que se mesclaram na formação de um único povo sincrético e absurdamente mestiço, a questão é que ainda hoje podemos nos perguntar, como o fez Roberto DaMatta: O que faz o Brasil, Brasil? Seria a negritude do negro, a indianidade do índio, a malandragem do sargento Leonardo (de Manuel Antonio de Almeida), a força do sertanejo (de Euclides da Cunha) ou a miscigenação, a soma de todos esses?

Retratar mais de duzentos milhões de pessoas em um só tipo - por mais que seja necessário ter símbolos, tradição, identidade, unicidade - ainda é tarefa ingrata de intelectuais. Por ora, o que se pode inferir desta elaboração histórico-conceitual a partir desses autores, movimentos e personagens é que nem um nem outro consegue em si somente expressar nossa totalidade (e talvez nem nossa individualidade, uns mais outros menos). Se não somos tão cavalheiros e fidedignos, astutos e éticos como Peri, também não somos necessariamente “sem caráter algum”, preguiçosos e tais qual o Macunaíma. Isso por que as virtudes não são estrangeiras, nem os malfazejos apenas recorrentes no Brasil e em nós. Somos capazes de acertar e de errar, ou fazer os dois simultaneamente como todos os demais povos.

Como estudo do passado, de origens, numa busca de nos encontrarmos em nossa brasilidade remota, estes personagens continuam sendo lidos e estudados, mas mais do que tomá-los como retratos de uma nação inteira tão divergente em si, é mais viável nos redescobrirmos a partir destes - e também de outras imagens - sobretudo na dimensão do respeito interétnico de que precisamos para viver neste contexto brasileiro.

Peri e Macunaíma, sendo índios Goitacaz e Tapanhuma, são também tão diferentes entre si como os brasileiros que pretendem representar. Pensar os dois (e outros) em um convívio simultâneo - isso sim - nos aproximaria mais da diversidade brasileira atual. É



verdade que ainda vivemos sob os reflexos dos processos históricos de homogeneização, mas que nos descobrimos a cada dia como uma nação multiétnica e multilíngue . Se somos diferentes dos outros povos, somos também diferentes de nós mesmos e nos diferenciamos cada vez mais, a cada geração. Nem mesmo o Macunaíma metamorfoseado de índio-negro a branco daria conta de representar as atuais configurações de brasileiros, filhos das várias imigrações como a oriental, por exemplo.

Portanto, como dizia Darcy Ribeiro, “O que importa é o Brasil que queremos construir” (RIBEIRO, 2000). Não apenas imagens possíveis do que éramos ou queríamos ser; não o que fomos e não somos mais, mas o que seremos daqui pra frente é o que realmente poderia importar. Uma nação sem super-heróis de fora ou de dentro, sem privilégios a grupos ou classes específicos, seja por sua etnia, cor, propriedade ou habilidade. Apenas pessoas convivendo em respeito mútuo.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **O Guarani**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil. **Revista de Antropofagia**, Ano I, N° I, maio de 1928. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ANDRADE, Mário de. 1º Prefácio - Araraquara-SP: 19 dez. 1926. In: \_\_\_\_\_. **Macunaíma**. O herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 17.ed. São Paulo, Martins, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et simulation**. Paris: Galilée, 1981.

\_\_\_\_\_. **La transparente du mal: essai sur les phénomènes extremes**. Paris: Galilée, 1990.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Regulamento acerca das Missões de catequese e civilização dos Índios**. DECRETO N°. 426 - DE 24 DE JULHO DE 1845.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; Duas cidades, 2004.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. 1901. Disponível em:



<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_o bra=2163](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_o bra=2163)> Acesso em 19 out. 2013.

DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS. **Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão.** Sebastião Joseph de Carvalho Mello (Marquês de Pombal). 1755.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.** 51.ed. São Paulo: Global, 2006.

IBGE. **IBGE mapeia a população indígena.** 2010. <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&idnoticia=2360>> Acesso em: 24 jan. 2014.

IBGE. **Pretos e Pardos.** Novembro de 2013. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/es/noticias-teen/7758-demografia-das-empresas-2>> Acesso em: 24 jan. 2014.

IBGE. **Projeção da população brasileira.** 2014. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 24 jan. 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** São Paulo: Editora Anhembi/Edições 70, 1957.

MONTERO, Paula. Índios e Missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Deus na aldeia: Missionários, índios e mediação cultural.** São Paulo: Globo, 2006, p. 31-66.

NOGUEIRA JR, Arnaldo. **Releituras** - resumo biográfico e bibliográfico: Mário de Andrade. Disponível em: <[http://www.releituras.com/marioandrade\\_bio.asp](http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp)> Acesso em: 02 fev. 2014.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial.** Bauru-SP: Edusc, 2003.

RAMOS, Alcida Rita. **O índio hiper-real.** Seminário sobre Ética e Antropologia - realizado no Iuperj - em junho de 1988. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_28/rbcs28\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_01.htm)> Acesso em 31 jan. 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **O povo brasileiro** (DVD), Isa Grinspum Ferraz. TV Cultura/GNT/FUNDAR, Superfilmes, 2000.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870).** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil.** Editora Guanabara, s/d. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bd000060.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.



SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil**. 1587. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>> Acesso em: 31 jan. 2014.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.

**TAINÁ** - Uma aventura na Amazônia. Direção de Tania Lamarca e Sérgio Bloch. Brasil: Europa Filmes, 2000.

U. CITY GUIDES. **Countries with the most beautiful women in the world**. Disponível em: <<http://www.ucityguides.com/cities/top-10-countries-with-the-most-beautiful-women.html>> Acesso em: 24 jan.2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é**. Instituto Sócio Ambiental. 2006. Disponível em: <[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/No\\_Brasil\\_todo\\_mundo\\_%C3%A9\\_%C3%ADndio.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf)> Acesso em: 24 Jan. 2014.

\_\_\_\_\_. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. in: \_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 181-264.

WEBER, Max. "Bureaucracy". In: \_\_\_\_\_. **Economy and Society**. Volume II. Berkeley: University of California Press, 1978.

WISNIK, José Miguel. Macunaíma e seu outro. In: \_\_\_\_\_. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 275-292.

